

A iniciativa, que teve uma alta adesão do participantes, contou com o patrocínio da Real Confraria da Rainha Santa Mafalda, de Arouca, e da Câmara Municipal de Óbidos; e foi objecto de detalhada notícia no jornal *Público*, de 1 de Fevereiro de 2006.

Maria de Lurdes Rosa



V ENCONTRO SOBRE ORDENS MILITARES

Entre 15 e 18 de Fevereiro de 2006 decorreu em Palmela o V Encontro sobre Ordens Militares, que congregou cinquenta palestrantes de várias nacionalidades e cerca de duzentos assistentes. Reconhecido internacionalmente como um fórum regular de discussão e actualização da história das Ordens Militares, com um percurso que remonta a 1989, o encontro, da iniciativa do município de Palmela, tem vindo a alargar os campos geográfico e temático de análise.

O programa do V Encontro subordinou-se ao tema «As Ordens Militares e as Ordens de Cavalaria entre o Ocidente e o Oriente», integrando os habituais apartados de historiografia, composição social, poderes e instituições, espaços (aspectos construtivos e administrativos, menor relevância desta vez para os artísticos) e uma nova abordagem, direccionada para o subtítulo do Encontro: «Ocidente e Oriente: contactos, influências, interações».

Michel Balard, na conferência de abertura, realizou um balanço da pesquisa francesa sobre ordens militares que, nos últimos anos, tem registado avanços notórios no estudo dos templários, dos teutónicos e dos hospitalários, não só no território francês mas também na península ibérica e no médio oriente (caso das teses de doutoramento de P. Jossierand e de P. V. Claverie), e destacou as sínteses de Alain Demurger.

Carlos de Ayala, também em jeito de balanço, iniciou o capítulo da *Historiografia e Memórias* com a apresentação de uma visão historiográfica da presença das ordens castelhana-leonesas fora do espaço ibérico, valorizando o aspecto da sua instrumentalização pelos poderes régio e pontifício. J. Sarnowski salientou a produção historiográfica das próprias ordens, com relevo para as que tiveram uma produção mais expressiva – os teutónicos e os hospitalários. Para Portugal, Saúl Gomes colocou a tónica na complexa produção diplomática dos templários, avaliada através da sua chancelaria.

No capítulo da *Composição Social*, as biografias, as linhagens e o acesso às ordens como forma de ascensão social foram tratados por comunicantes portugueses (Lurdes Rosa, Pestana de Vasconcelos) e estrangeiros (Francisco Izquierdo, Rodríguez-Picavea, López-Salazar e Z. Hunyadi) num leque temporal de seis séculos. As condicionantes impostas em 1570 para as candidaturas às ordens de Avis, Cristo e Santiago, fruto de interesses régios muito específicos, foram apresentadas por Fernanda Olival que facultou dados percentuais para os acessos nos séculos XVII e XVIII à Ordem de Cristo.

O V Encontro foi parco na abordagem das questões da paisagem, da arte, da arquitectura e da arqueologia, o que foi lamentado por vários observadores e assistentes. Na secção *Espaços e Vivências*, para além do ponto de situação feito por Carla Fernandes sobre a iconografia de Santiago na escultura medieval portuguesa e da leitura arqueológica

e arquitectónica dos conventos de Palmela, por Isabel C. Fernandes, foi Judith Bronstein quem trouxe ao auditório uma panorâmica menos conhecida, aproximando-nos do Médio Oriente: a arquitectura da Ordem do Hospital no séc. XIII, centrando-se em S. João de Acre, no Crac des Chevaliers e na fortificação de Selefkie. «Espaços» de inícios do séc. XVI, na posse das ordens, a sua exploração e o seu percurso, estiveram na base das intervenções de Iria Gonçalves e de Cristina Pimenta com Manuel S. de Mendonça.

Na secção dedicada às relações entre o *Ocidente e o Oriente*, que justificou a subtítulo do Encontro, apresentaram-se algumas das mais originais comunicações, incluindo aqui dois contributos para o melhor conhecimento da presença portuguesa no Médio Oriente durante as cruzadas. A nossa historiografia tem pouca tradição de investigação nesta área e são muito lacunares as informações disponíveis. O acesso de Pierre-Vincent Claverie (Universidade de Rennes) e de Anthony Luttrell (Universidade de Malta) a fundos que nos são praticamente desconhecidos, permitiu-lhes a recolha de elementos interessantes sobre a participação dos templários portugueses na defesa da Síria franca, no primeiro caso, e sobre os hospitalários portugueses e Rodas entre 1306 e 1415, no segundo caso. Claverie fornece um novo olhar sobre a permanência de Gualdim Pais no Oriente, entre o reino de Jerusalém e Antioquia, comenta as digressões dos mestres Lourenço Martins e Vasco Fernandes e revela, através das actas do *Processus Cyprius*, três cavaleiros templários portugueses (Estevão, João e Lourenço) que integravam o convento cipriota no dealbar do séc. XIV e a sua veemente defesa das acusações de heresia, no contexto das perseguições então instauradas. Luttrell, por sua vez, demonstra o débil contributo humano e financeiro portugueses para o convento central hospitalário em Rodas.

As ligações da Península Ibérica ao Oriente latino foram evidenciadas neste mesmo apartado por Nikolas Jaspert, por Philippe Josserand e por Alan Forey. Os exemplos evocados mostram um investimento das ordens militares peninsulares no movimento de cruzada mais intenso do que tradicionalmente se considera e um jogo de influências e de promoções relacionado com o envolvimento dos protagonistas. Um outro Oriente, o dos descobrimentos, foi motivo para uma intervenção de J. P. Oliveira e Costa e Teresa Lacerda sobre a evolução da representatividade das ordens de Cristo e de Santiago na liderança da carreira da Índia (1497-1521), provando a ligação da fidalguia da casa real às duas milícias.

No largo apartado dos *Poderes, Instituições e Dinâmicas Políticas* couberam variados tipos de estudos: aqueles que se focalizaram na relação das ordens com o rei e na construção do seu poder político ou da sua acção na conjuntura de determinado reinado (Maria João Branco, Hermínia Vilar, Hermenegildo Fernandes, Isabel Morgado e Francis Dutra, respectivamente para os reinados de D. Sancho I, D. Afonso II, D. Sancho II, D. Manuel I e do cardeal D. Henrique); sobre a evolução dos poderes dos comendadores a par da crescente base patrimonial que administravam (Novoa Portela); sobre as relações entre o estado e as ordens, no que concerne especificamente à «Maison d'Anjou» – 1246-1342 (Damien Carraz); sobre os processos de habilitação perante o Santo Ofício e a Mesa da Consciência e Ordens (Figueiroa-Rêgo); sobre as carreiras dos freires cavaleiros de Malta (Inês Versos) ou sobre o papel das ordens militares castelhanas no chamado «Século de Ouro Espanhol» (Ruiz Rodriguez); sobre o arbítrio de conflitos de motivação económica pelo mestre e pelo rei (J. Augusto Oliveira); sobre a organização/reorganização das ordens (Luís F. Oliveira, Joel Mata, Elena Postigo). Ainda dentro da mesma secção, destaquem-se três outras intervenções: a de Cristina Alves, que ensaiou uma leitura da sociedade de Palmela através da análise antropológica dos foreiros da Ordem de Santiago; a de Paula Pinto Costa e Mário Barroca, que nos transmitiram uma diferente expressão dos interesses económicos das

ordens e das manipulações a eles associadas, revelando uma nova versão da doação de Belver à Ordem do Hospital e defendendo que a ordem terá forjado no séc. XIII uma cópia do diploma original com o intuito de alterar os limites geográficos do território doado; por fim, a intervenção de Luis García-Guijarro, um questionamento crítico sobre o enquadramento das ordens militares: serão elas institutos monásticos? Poderão os freires designar-se de “monges guerreiros”? O autor analisou os conceitos de “ordem religiosa” e de “monacato”, associando este último à contemplação e concluiu considerando as ordens militares como uma das primeiras manifestações da diversidade da profissão religiosa, em que o *servitium* a Deus se expressava também pela defesa armada da fé, uma *actio militaris* muito distinta da *contemplatio claustralis*, ou pela assistência a enfermos e desamparados, negando assim a sua vinculação ao monacato.

Esta reflexão transporta-nos a um dos considerandos finais deste encontro, proferidos por L. Adão da Fonseca, o da necessidade de dar atenção, no friso temático destas reuniões, à espiritualidade, à dimensão religiosa das ordens e também à colocação das questões numa perspectiva de longa duração. Sentida foi ainda a necessidade de reforçar e ampliar as revisões historiográficas, as sínteses e os balanços da investigação em ordens militares por país, a temática da relação entre o Ocidente e o Oriente, a temática da arte, da arquitectura e dos vestígios materiais, os espaços de debate e de apresentação de novos projectos.

Houve, neste V Encontro e pela primeira vez, a criação de um espaço para apresentação de projectos e foi marcante o interesse despertado e fértil a discussão que gerou. Divulgaram-se o projecto internacional do *Dicionário de Ordens Militares Europeias na Idade Média* (Universidade de Lyon – CNRS), que envolve vários dos comunicantes/países presentes, o projecto *Ordens Militares: Crónicas e Cronistas* (CIH-FL-Universidade do Porto), o projecto italiano *Nas Origens da Europa Mediterrânica: as Ordens Religiosas-Militares* (Istituto per i Beni Archeologici e Monumentali-CNR), o projecto *Cavalaria, Ordem e Civilização Europeia* (Universidade Autónoma de Madrid e Universidade do Porto).

Entre as actividades complementares do Encontro contaram-se a projecção do filme «Reino dos Céus» e um espectáculo de música medieval. O desejável debate em torno do filme não chegou a ocorrer mas lembre-se que foi também sublinhada nas conclusões a maior relevância a dar às várias formas de memória colectiva das ordens, nomeadamente o cinema, a televisão, a literatura, a música.

Uma vez mais, o Gabinete de Estudos sobre a Ordem de Santiago (Câmara Municipal de Palmela) perspectiva que a publicação das actas desta reunião seja o corolário dos quatro dias de intensa troca de ideias e de divulgação dos resultados das mais recentes investigações sobre Ordens Militares e que em 2010, vinte anos depois do arranque da iniciativa, possa concretizar com idêntico entusiasmo o VI Encontro.

Isabel Cristina Ferreira Fernandes
GEsOS